

IMREA promove inclusão e o atendimento a pessoas com deficiências

O Instituto de Medicina Física e Reabilitação do HCFMUSP atua no atendimento a pessoas com deficiências. Com quatro unidades na cidade de São Paulo, também encabeça a Rede de Reabilitação Lucy Montoro, treinando profissionais e auxiliando o poder público na formulação de políticas para o setor.

Acompanhando as tendências mais inovadoras em tratamentos e equipamentos e, também, no sentido de valorizar a inclusão e a capacitação de pessoas com deficiência, o IMREA tem uma equipe multidisciplinar que atende cerca de 29 mil pessoas por mês. Saiba mais nas páginas 6 e 7.



Na Vila Mariana, a poucos metros do metrô Chácara Klabin, está a sede do IMREA

Encontro de Gerações e aniversário do CAOC integram comemorações do Centenário

Nos últimos meses, duas comemorações integraram o calendário do Centenário da FMUSP, que acontece em 2013. Em setembro, o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz completou 99 anos. Criado pelos alunos, logo após a fundação da Faculdade, tem sido palco de discussões relacionadas não só à área de saúde mas também à política e à economia do país.

E em outubro, o tradicional Encontro de Gerações, promovido pela Associação dos Antigos Alunos da FMUSP, reuniu várias gerações de

alunos da FMUSP para um churrasco animado, que também comemorou o Dia do Médico. Confira na página 12.



Alunos e ex-alunos da FMUSP se reuniram para o tradicional Encontro de Gerações

Projeto permite a realização de autópsias virtuais na FMUSP

Um projeto integrado de todos os Departamentos da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP) vai permitir a realização de virtópsias, autópsias virtuais feitas a partir de exames de diagnóstico por imagem. O projeto, chamado Plataforma de Imagem na Sala de Autópsia (PISA), vai se basear em equipamentos de ponta de ultrassonografia, raios X, tomografia computadorizada e ressonância magnética, que já estão produzindo imagens que podem ser correlacionadas aos exames patológicos do Serviço de Verificação de Óbitos da Capital (SVOC), dando suporte às áreas de ensino, pesquisa e atendimento à população. Pág. 8

No Editorial, o vice-diretor da FFM fala sobre a importância da saúde integrativa.

Pág. 2

Artigo discute os malefícios da nicotina, que não está presente apenas no cigarro.

Pág. 3

A história do Prof. Neme, um aluno nota 10, precursor de técnicas fundamentais da obstetrícia. Pág. 9

Medicina e saúde

A moderna medicina científica, sob a égide do modelo biomédico vigente, reduziu o ser humano, de unidade multidimensional biopsicossocial indivisível, à unidimensionalidade do corpo-máquina e suas partes. Como consequência, os conceitos de enfermidade e saúde, fenômenos também multidimensionais, foram reduzidos, respectivamente, à doença física e à ausência de doença.

Focando no corpo e suas partes, o modelo biomédico transferiu o estudo das dimensões psicológicas, ecológicas e socioculturais do ser humano a outros profissionais, estes também circunscritos a seus próprios territórios de conhecimento e com precária inter-relação. Ao afastar a dimensão psicológica, reduziu o doente à doença; ignorou o sujeito, sua subjetividade e singularidade. Limitou, deste modo, suas bases conceituais e suas ações.

Apesar disso, médicos e cientistas, focados no corpo-máquina e suas partes, têm obtido fascinantes *insights* dos mecanismos biológicos, dos processos fisiológicos e das alterações teciduais que produzem as evidências da doença, atribuindo a elas, frequentemente, a causa da doença. Combatem-na com medicamentos poderosos e/ou cirurgias, aliadas à alta tecnologia que se interpõe entre o médico e o paciente. Têm conseguido êxitos extraordinários, principalmente no tratamento das doenças agudas e de pacientes acidentados, em situações de urgência e emergência.

No entanto, conforme veremos, o reducionismo biomédico, devido à sua limitada base conceitual, desvelou também suas lacunas. Se não vejamos: sob uma ótica sistêmica (inter-relação e interdependência das dimensões físicas, psicológicas, socioculturais e ecológicas do ser humano), a cura da doença física não restitui, obrigatoriamente, a saúde; percentual significativo da população não tem doença física mas também não é saudável. A saúde e a enfermidade não podem ser compreendidas em termos reducionistas. São, respectivamente, estados multidimensionais e dinâmicos

de bem estar ou mal estar, dependentes do equilíbrio ou desequilíbrio persistentes do organismo psicossomático indivisível, na sua interação favorável ou desfavorável em relação aos ambientes físico e sociocultural.

Nesse sentido, reconhece-se a saúde individual, social e ecológica, todas interdependentes. A enfermidade, por seu turno, tem múltiplos canais de expressão. A doença física é apenas um deles. Outros canais podem expressar-se por meio de distúrbios psicológicos como ansiedade e depressão, enfermidades psicossomáticas, psicopatias e sociopatias, todos eles presentes em percentual significativo da população. Veja-se, por exemplo, o aumento alarmante do alcoolismo, do abuso de drogas, dos crimes violentos, dos acidentes e suicídios, todos eles sintomas de saúde social precária. Além disso, a epidemiologia nos mostra o incremento das enfermidades crônicas e degenerativas, de seguimento longitudinal prolongado, as quais, para serem adequadamente tratadas, exigem que se considere não apenas a anamnese clínica mas também a história de vida dos pacientes como um todo, para possibilitar, ao mesmo tempo, adesão ao tratamento e autonomia do paciente.

A medicina biomédica, no entanto, procura alardear seus êxitos em relação à saúde populacional, atribuindo, falaciosamente, como conquistas próprias, o aumento da expectativa de vida das pessoas ou a redução da taxa de mortalidade infantil. Embora úteis, esses indicadores quantitativos não são suficientes para medir a saúde populacional. As melhores estimativas são de que o sistema médico reducionista (médicos, medicamentos, hospitais) contribui apenas com cerca de 10% dos índices usuais para a medição da saúde da sociedade. Percebe-se, deste modo, que a relação entre medicina e saúde, longe de ser abrangente, é limitada e pouco profunda.

A saúde dos seres humanos, avaliada com visão sistêmica, é predominantemente determinada, não por intervenções

médicas, mas pela qualidade dos seus hábitos, comportamentos, alimentação, pelo modo com que lidam com o estresse e pela natureza de seus ambientes físico e sociocultural. Nesse sentido, pode melhorar ou deteriorar, na dependência de ações positivas ou de omissões, de indivíduos, sociedade e governos. Tudo isso aponta para a assunção de uma visão sistêmica dos seres humanos, dos sistemas de saúde e das ações de políticas públicas. Significa resgatar, em teoria e na prática, a multidimensionalidade do ser humano, sua subjetividade e singularidade; significa direcionar as políticas públicas para ações efetivas de promoção da saúde, em seus diferentes níveis, e prevenção de enfermidades e acidentes; significa conferir aos profissionais de saúde uma responsabilidade não apenas técnica mas também cidadã. Do contrário, não resolveremos a crise profunda da assistência médica atual, relacionada à inacessibilidade aos serviços de saúde, à ausência de simpatia e solicitude por parte dos profissionais de saúde, à imperícia ou negligência e à impressionante desproporção entre o custo e a eficácia da medicina moderna nas últimas décadas.

Qualquer mudança significativa começaria pela educação nas escolas médicas, que deveria incluir três campos: o biomédico, muito bem repertoriado, o psicomédico e o sociomédico, não apenas como conhecimentos justapostos, mas absolutamente integrados; e também reciclar os profissionais de saúde na busca de uma base conceitual comum, a sistêmica, para acolher pacientes-sujeitos. Deveria, por fim, reeducar a população, a qual, tendo introjetado os princípios da biomedicina e influenciada pela mídia e pelas indústrias farmacêuticas, tem visto a medicalização como o único meio de obter saúde.

Prof. Dr. Yassuhiko Okay
Professor Emérito da FMUSP
Vice-Diretor Geral da FFM

Jornal da FFM

Publicação bimestral da
Fundação Faculdade de Medicina
www.ffm.br
Av. Rebouças, 381 - 4º andar
CEP 05401-000 São Paulo, SP
Tel. (11) 3016-4948
Fax (11) 3016-4953
E-mail contato@ffm.br

Conselho Editorial

Prof. Dr. Flavio Fava de Moraes
Prof. Dr. Yassuhiko Okay
Angela Porchat Forbes
Arcênio Rodrigues da Silva

Os artigos assinados publicados neste informativo não refletem necessariamente a opinião da Fundação Faculdade de Medicina e são da responsabilidade de seus autores. Cartas e sugestões para o Jornal da FFM devem ser enviados para gppp@ffm.br

Expediente

Diretor Responsável:
Prof. Dr. Flavio Fava de Moraes
Jornalista Responsável:
Lizandra Magon de Almeida (MTb 23.006)
Tiragem: 4.600 exemplares
Edição:
Pólen Editorial
(11) 3675-6077
poleneditorial.com.br

artigo

Os disfarces do cigarro

São mais de 1 bilhão de dependentes. Pessoas que alimentam um vício cruel, responsável por cerca de 5 milhões de mortes por ano e por 30% de todos os óbitos por câncer. A dependência da nicotina é uma pandemia que, graças ao esforço conjunto de Estado, ONGs e profissionais de saúde, vem sendo combatida.

A Lei Antifumo, sancionada no Estado de São Paulo em agosto de 2009, é importante vitória contra o tabagismo. Com ela, ficou proibido o uso de cigarro em ambientes públicos fechados. Essa medida diminui a poluição tabágica ambiental que prejudica a saúde até de quem não fuma, e também reduz a visibilidade do cigarro, atuando assim como uma forma de prevenir a iniciação.

Porém, a nicotina não está presente apenas em cigarros. Diversos produtos são derivados da folha de tabaco. Além de fumados, podem ser mascarados, inalados e aspirados. Todos contêm a mesma substância causadora de dependência e, em muitos casos, escondem riscos à saúde tão intensos quanto os do cigarro.

Alguns fumantes, que não conseguem suportar os fortes sintomas de abstinência que afloram quando tentam reduzir ou parar de fumar, muitas vezes acabam substituindo o cigarro por charutos ou cigarrilhas, que têm até três vezes mais nicotina. Alguns charutos chegam a ter 10 vezes mais substâncias tóxicas do que o cigarro comum. Quem troca 20 cigarros por dia por dois charutos pode pensar que reduziu os danos a sua saúde, mas, na verdade, continua se expondo à mesma quantidade de compostos nocivos.

O cigarro de cravo (kretek), os bidis (tipo de cigarrilha da Índia) e os cigarros mentolados têm, misturados ao tabaco, açúcares e alcaloides que conferem sabor e reduzem o incômodo presente nas primeiras tragadas. São frequentemente oferecidos a jovens, funcionando como iniciação ao hábito de fumar. Esse tipo de produto é proibido em países como EUA e Canadá.

A disseminação do nargilé, uma espécie de cachimbo d'água usado para o consumo de tabaco adocicado,



A nicotina não está presente apenas em cigarros. Diversos produtos são derivados da folha de tabaco. Além de fumados, podem ser mascarados, inalados e aspirados

também é preocupante. Uma “sessão” equivale a fumar entre 20 a 100 cigarros. Muito usado entre jovens, sua fumaça é mais tóxica do que a do cigarro, pois a queima do tabaco é incompleta, deixando mais resíduos. Além disso, o uso em grupos o transforma em um disseminador de doenças infecciosas como tuberculose e hepatite.

No combate ao vício da nicotina é importante reconhecer o inimigo nos seus muitos disfarces e estar alerta aos perigos que ele oferece. Todos os produtos derivados do tabaco, independente da maneira que forem utilizados, são nocivos à saúde e causam dependência de difícil tratamento.

ARQUIVO PESSOAL



Frederico Fernandes é pneumologista do Ambulatório de Anti-Tabagismo do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo (ICESP). Trabalha com tabagismo desde 2004. Durante cinco

anos, foi responsável pelo ambulatório do grupo Anti-tabágico do Hospital Universitário da USP. Atualmente, pertence ao grupo de controle do tabagismo da Disciplina de Pneumologia do Hospital das Clínicas da FMUSP e coordena o Serviço de Pneumologia do ICESP.

notícias

ICr celebra trabalho de excelência em transplantes de fígado

No dia 26 de outubro, o Instituto da Criança do HCFMUSP comemorou a marca de 500 transplantes de fígado realizados em crianças. A cerimônia ocorreu no anfiteatro do ICr e teve como objetivo homenagear os pacientes de alta complexidade submetidos ao procedimento, além de seus familiares e a equipe de multiprofissionais envolvida no processo. Também foram lembrados os parentes dos doadores que, apesar de estarem em um momento de dor, notaram que poderiam salvar

vidas por meio da doação de órgãos.

O primeiro transplante foi realizado em setembro de 1989 e, desde então, os aperfeiçoamentos na técnica foram constantes. Prova disso é que o paciente de número 500 é o bebê mais novo já transplantado, com apenas dois meses de vida. Para o chefe do Serviço de Cirurgia Pediátrica, Uenis Tannuri, esse trabalho “constitui, sem dúvida, uma forma espetacular de devolver à sociedade tudo aquilo que o poder público investe na Universidade”.

Laboratórios de Investigação Médica têm novo diretor executivo

Desde o dia 1 de outubro, os Laboratórios de Investigação Médica (LIM) do HCFMUSP contam com um novo diretor executivo, o Prof. Dr. Geraldo Busatto Filho. Professor Associado do Departamento de Psiquiatria da FMUSP, Busatto formou-se em medicina pela FMUSP em 1987 e fez residência pelo Instituto de Psiquiatria do HC entre 1991 e 1996.



Prof. Dr. Geraldo Busatto Filho

O médico já atuava como coordenador do LIM-21, cujo tema central de investigação são os estudos de neuroimagem aplicados aos transtornos neuropsiquiátricos, e do Núcleo de Apoio à Pesquisa em Neurociência Aplicada (NAPNA) da Universidade de São Paulo. Ele responderá pela Diretoria Executiva dos LIMs em substituição ao Prof. Dr. José Eluf Neto. A nomeação foi publicada no Diário Oficial do dia 9 de outubro.

Diretor Geral da FFM compõe o novo Conselho Consultivo da USP

Foi publicada no Diário Oficial do dia 5 de outubro a Portaria que designou os novos membros do Conselho Consultivo da Universidade de São Paulo. O documento nomeou para o cargo os Profs. Drs. Waldyr Muniz Oliva, Antônio Hélio Guerra Vieira, José Goldemberg, Roberto Leal Lobo e Silva Filho, Jacques Marcovitch e Flávio Fava de Moraes,

diretor geral da Fundação Faculdade de Medicina.

O Conselho é formado pelo reitor, vice-reitor e pró-reitores da Universidade e outras seis pessoas escolhidas pelo reitor. O órgão tem a finalidade de assegurar a participação da sociedade nos assuntos relativos à administração da entidade. Os conselheiros terão mandato de dois anos.

novos livros

Clínica Psiquiátrica – a visão do Departamento e Instituto de Psiquiatria do HCFMUSP



Org: Eurípedes Constantino Miguel, Valentin Gentil Filho e Wagner Farid Gattaz
Editora Manole

Organizado pelos Professores Eurípedes Constantino Miguel, Valentin Gentil Filho e Wagner Farid Gattaz, o livro “Clínica Psiquiátrica – a visão do Departamento e Instituto de Psiquiatria do HCFMUSP” ganhou o primeiro lugar no Prêmio Jabuti 2012, na categoria Ciências da Saúde. A obra reúne 50 anos de ciência e experiência em psiquiatria.

Paciano Rizal - O Herói que Falta na Luneta



Autor: György Miklós Böhm
Algol Editora

Esta é a primeira obra em português que relata a luta pela independência das ilhas Filipinas. Para elaborá-la, György Miklós Böhm, professor emérito da FMUSP, recorreu a várias fontes de pesquisa, como correspondências entre os irmãos Rizal, monografias editadas pelos netos e bisnetos e várias biografias.

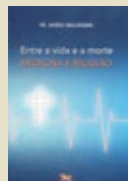
As 100 Turmas da Faculdade de Medicina da USP



Editora Cd.g

A publicação contém textos escritos por representantes das 100 turmas que ingressaram na faculdade e pessoas de destaque em diferentes setores ligados à FMUSP e ao HC, além de um catálogo com nome e e-mail dos alunos.

Entre a Vida e a Morte: Medicina e Religião



Autor: Padre Anísio Baldessin
Editora Loyola

O autor desta obra presta assistência religiosa no HC há 20 anos. O livro traz ao leitor uma reflexão sobre a realidade hospitalar, em meio ao contraste de vida e morte, alegria e tristeza, esperança e desprezo que se cruzam diariamente.

Novo Centro do Serviço de Transplante Renal traz abordagem diferenciada no uso de fármacos

O Serviço de Transplante Renal do HCFMUSP realiza, em média, 24 transplantes por mês e presta aproximadamente 1,3 mil atendimentos ambulatoriais. Para aumentar em até 50% a capacidade de processamento dos exames realizados, o Serviço ganhou um Centro de Monitorização de Imunossupressores Pós-Transplante Renal.

Inaugurado em 26 de outubro, o Centro de Monitorização, pioneiro na rede pública de saúde do país, recebeu investimentos de US\$ 300 mil para a aquisição de um equipamento, localizado nas dependências do Serviço de Bioquímica Clínica do Laboratório Central do HCFMUSP, que também passou por obras de readequação para receber a inovação.

Com isso, o Centro vai estabelecer uma nova abordagem terapêutica na administração dos fármacos para os pacientes transplantados.

A tecnologia da espectrometria de massas, introduzida para a dosagem de imunossupressores, permite maior

segurança ao médico na tomada de decisões e acompanhamento do paciente transplantado pela sensibilidade e especificidade metodológica.

A metodologia avançada permite que o Serviço de Bioquímica Clínica consiga analisar simultaneamente até cinco imunossupressores, além de identificar se a dosagem das drogas administradas é apropriada para prevenir a rejeição do órgão e, também, minimizar os efeitos tóxicos.

A partir dos resultados, o médico poderá precisar as doses de cada fármaco, respeitando os ajustes individuais. O procedimento traz agilidade, economia e alta precisão. Por isso, o Centro de Monitorização foi inaugurado para tornar-se referência aos demais centros transplantadores do Brasil.

A partir da adoção do método de espectrometria de massas, reconhecido mundialmente como modelo para esse tipo de análise, as pesquisas científicas realizadas no HCFMUSP também passam a ter maior aceitação e validade internacional.

Evento discute transplante pediátrico

Aconteceu no Teatro da FMUSP nos dias 8 e 9 de novembro o *IPTA Symposium: Common Challenge Topics in Pediatric Transplant* em paralelo com o 1º *Simpósio Brasileiro de Transplante Pediátrico*. O evento faz parte do calendário de comemorações do Centenário da FMUSP.

O evento foi organizado pelos Profs. Drs. Estela Azeka e Marcelo Jatene, do Instituto do Coração (InCor) e tem como presidentes de honra os Drs. Richard Fine e Adib Jatene. A IPTA – International Pediatric Transplant Association é uma entidade que envolve 45 países, dedicada ao ensino e à pesquisa do transplante em crianças.

O programa foi composto de sessões plenárias multidisciplinares, com a participação de especialistas em vários tipos de transplantes. Também incluiu discussões sobre controvérsias e premiação dos melhores trabalhos científicos apresentados. Mais de 40 palestrantes convidados participaram. Conheça os trabalhos vencedores no site www.fm.usp.br/simposioipta.

InRad recebe coordenadora da Rede Humaniza FMUSP-HC para palestra sobre Humanização

Em comemoração ao Dia do Médico, a direção do InRad e o Grupo de Trabalho de Humanização (GTH/InRad) promoveram uma palestra com a Dra. Izabel Cristina Rios, coordenadora da Rede Humaniza FMUSP-HC. O evento contou com a participação do Prof. Dr. Giovanni Guido Cerri, Secretário de Estado da Saúde de São Paulo e Presidente do Conselho Diretor do InRad.

Criada em 2010, a Rede Humaniza FMUSP-HC segue as diretrizes da

Política Nacional de Humanização do Ministério da Saúde. Seus principais objetivos são desenvolver e fortalecer a cultura de humanização, diagnosticar problemas e propor iniciativas, valorizar o profissional da saúde, além de contribuir para a melhoria das relações médico-paciente.

O modelo da Rede se constitui de um núcleo central de coordenação e grupos de trabalho em todos os Institutos e Unidades que fazem parte do sistema FMUSP-HC, que se reúnem

quinzenalmente para a definição de ações, metas e metodologias de trabalho.

Para a Dra. Izabel, a humanização consiste menos no que você faz e mais em como isso é feito. “Este conceito envolve valores como respeito, responsabilidade e acolhimento, com uma proposta metodológica de participação, diálogo, criação de espaços de inclusão e habilidades comunicacionais, que devem ser alinhados conforme as diretrizes traçadas”, explica.

institutos

IMREA atua na reabilitação e na inclusão social de pessoas com deficiência

Com um foco na atuação profissional interdisciplinar, o Instituto de Medicina Física e Reabilitação do HCFMUSP tem sido fundamental não só no atendimento mas também na formulação de políticas públicas para o setor

Desde 2009, o Hospital das Clínicas da FMUSP ganhou um novo Instituto, dedicado a servir as pessoas com deficiências físicas, transitórias ou definitivas, necessitadas de receber atendimento de reabilitação para desenvolvimento de seu potencial físico, psicológico, social, profissional e educacional. Essa é a missão do Instituto de Medicina Física e de Reabilitação (IMREA) do HCFMUSP, um centro multidisciplinar no qual trabalham lado a lado médicos, enfermeiros, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, odontólogos e psicólogos.

O Instituto atende pacientes que sofreram lesão medular, amputações, lesões encefálicas ou que têm doenças degenerativas. Também são atendidas crianças com paralisia cerebral e síndrome de Down, hemofílicos e pacientes com dor músculo-esquelética. Além da reabilitação, um dos grandes objetivos por trás de todo o trabalho é permitir que eles conquistem sua autonomia. Por isso, o trabalho é feito não só com os pacientes mas também com seus familiares. E também são oferecidos cursos pré-profissionalizantes e sensibilização para atividades de arte e cultura com foco na geração de renda.

Um exemplo desse trabalho são as parcerias com o Senai e Senac desde 2011. A unidade Aclimação do Senac, especializada em gastronomia e hospitalidade, dá suporte a cursos para a formação de deficientes intelectuais no sentido da inclusão e da autonomia. Acompanhados dos familiares, eles descobrem suas potencialidades e desenvolvem sua autonomia. Os resultados são sempre recompensadores.

Descentralização

A natureza do paciente atendido pelo IMREA exige que o trabalho seja o mais descentralizado possível, para que a locomoção seja fácil. Ao longo dos anos, o IMREA foi ganhando unidades na cidade de São Paulo. Hoje, como ponto focal da Rede de Reabilitação Lucy Montoro, também está disseminando seu trabalho pelo interior de São Paulo, com profissionais treinados e qualificados pelo próprio IMREA. A Rede é um programa do Governo do Estado de São Paulo ligado às Secretarias de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência e da Saúde. Conta

com 12 unidades em funcionamento espalhadas pelo Estado de São Paulo e uma unidade móvel.

A sede do IMREA está na Vila Mariana, a poucos metros da estação Klabin do Metrô. Totalmente reformada, conta com equipamentos e técnicas de última geração para o tratamento de pacientes com deficiência física incapacitante.

O IMREA também está no bairro do Campo Limpo, na zona sul de São Paulo, onde funciona o Centro de Reabilitação Umarizal. Os pacientes ali são encaminhados a partir das Unidades

Um pouco de história

A trajetória do IMREA teve início em 1958, depois que a Universidade de São Paulo firmou um convênio com a ONU e criou o Instituto Nacional de Reabilitação (INAR), mais tarde denominado Instituto de Reabilitação (IR), que inspirou estudos e pesquisas que culminariam na criação do Centro de Reabilitação do Hospital das Clínicas, inaugurado em 1975. Inicialmente denominado Divisão de Reabilitação Profissional de Vergueiro (DRPV), passou a se chamar Divisão de Medicina de Reabilitação (DMR), em julho de 1994. Em janeiro de 2009, tornou-se mais um Instituto do Hospital das Clínicas da FMUSP, e recebeu a denominação de Instituto de Medicina Física e Reabilitação (IMREA).

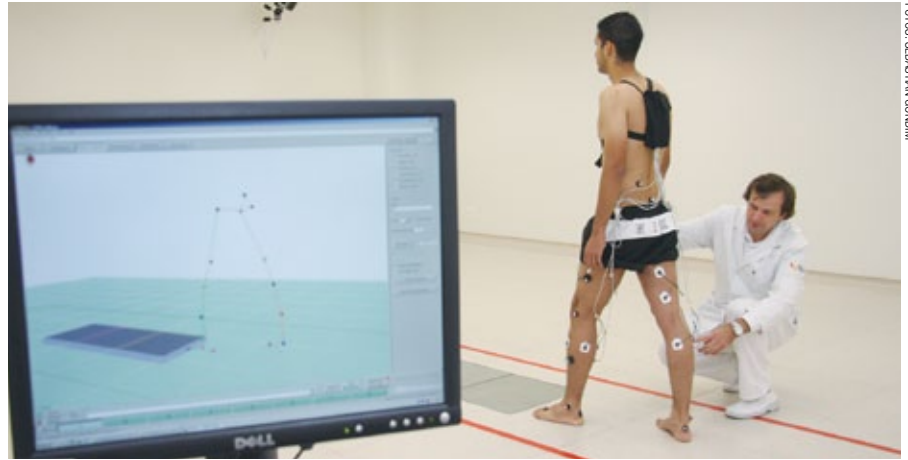


O IMREA em números

- Média de atendimentos mensais (nas quatro unidades do IMREA): 29 mil
- Média de consultas por mês (nas quatro unidades do IMREA): 2,8 mil
- Média de exames realizados por mês (nas quatro unidades do IMREA): 450
- Número de livros publicados: 9
- Número de profissionais em atuação no IMREA: 464 colaboradores, sendo 32 médicos
- Ensino e pesquisa:
 - 16 a 18 aprimorandos por ano
 - 40 alunos de graduação por ano
 - 32 residentes de Medicina Física e Reabilitação por ano



Lokomat, equipamento de reabilitação dos membros inferiores



O software monitora o funcionamento dos músculos do paciente no Laboratório de Análise do Movimento

FOTOS: SEBASTIÃO GONIMA

Básicas de Saúde locais, atingindo 15 distritos administrativos da região.

Na zona oeste da cidade fica a Unidade Lapa. Além dos programas de reabilitação para pessoas com deficiência física e sensorial, oferece oficinas terapêuticas, esporte adaptado e capacitação profissional para inclusão social de pessoas com deficiências física e sensorial.

No antigo Centro de Oncologia do Instituto de Radiologia funciona a Unidade Clínicas do IMREA, uma extensão da Unidade Vila Mariana. De menor porte, recebe parte dos pacientes encaminhados dos Institutos do HCFMUSP.

Assim como os demais Institutos do HCFMUSP, o IMREA participa dos três pilares da Universidade de São Paulo: ensino, pesquisa e assistência. O Instituto publica a revista científica Acta Fisiátrica e incentiva a publicação de trabalhos científicos, além de investir na participação de seus profissionais em eventos científicos. Também recebe alunos de graduação dos cursos de Fisioterapia, Enfermagem, Nutrição e Terapia Ocupacional da USP, do curso de Ciências da Atividade Física da USP-Leste, além de alunos da Universidade Federal de São Carlos e 32 residentes de Medicina Física e Reabilitação da FMUSP.

São oferecidos ainda cursos especializados de reabilitação para fisioterapeutas, assistentes sociais, psicólogos, terapeutas ocupacionais e enfermeiros, e cursos breves de formação específica, não só para profissionais da área de saúde mas também para cuidadores. Desde

2010, o IMREA criou seu Centro de Pesquisa Clínica, que já desenvolveu 35 trabalhos (veja quadro).

Mudança de mentalidade

Nos últimos 30 anos, a postura do Governo e das instituições sociais em relação às pessoas com deficiência vem mudando e se tornando mais inclusiva. E o IMREA sempre esteve presente na formulação de políticas públicas relacionadas ao setor, cujos paradigmas éticos e conceituais se alteraram especialmente após a promulgação da Constituição de 1988.

Quando da criação da primeira linha do Metrô de São Paulo, por exemplo, o então DMR (veja quadro sobre a história do IMREA) procurou sensibilizar a equipe de engenharia para as necessidades das pessoas com deficiência. Na época, as ideias não



Área de atendimento pediátrico

foram incorporadas, mas com o passar do tempo, e a própria organização da sociedade, a cidade começou a se tornar mais amigosa.

O IMREA também já participou do treinamento de taxistas para o transporte de pessoas com órteses e cadeiras de rodas, assim como de profissionais da Guarda Metropolitana de São Paulo.

A Pesquisa Clínica no IMREA

Distribuição segundo andamento dos projetos. São Paulo, 2012

	2010	2011	2012	Total
Projetos	15*	16	4	35
Aprovados	15	13	2	30
- Não Iniciados	0	6	2	8
- Em Andamento	10	6	0	16
- Finalizados	5	1	0	6
Não Aprovados	0	3	2	5
- Em Análise no CPC**	0	2	0	2
- Em Análise Med. Legal	0	0	0	0
- Em Análise na CAPPesq	0	1	2	3
Consultorias	0	0	0	0

* O projeto "Diretrizes AMB" composto por 10 trabalhos (temas) é computado como apenas 1 projeto de pesquisa.

**Aguarda documentação por parte dos investigadores para envio ao Departamento de Medicina Legal.

projetos

Projeto PISA permitirá autópsias virtuais

Um projeto multidisciplinar, envolvendo os 17 departamentos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), já está dando seus primeiros frutos. O PISA – Plataforma de Imagem na Sala de Autópsia – começou a ser desenvolvido em 2009 e tem como objetivo criar um serviço de autópsias virtuais, com a captação de imagens por equipamentos de diagnóstico, que possam ser utilizadas no ensino, na pesquisa e no apoio à comunidade.

“A Fundação Faculdade de Medicina teve papel importante na confecção da textura de gestão e dos processos durante o planejamento executivo do PISA. Digo textura porque recursos provenientes de diversas fontes tiveram de ser cuidadosamente gerenciados em função das legislações e regras contábeis. Ao mesmo tempo, foi criada uma estrutura flexível o suficiente para um projeto deste porte”, explica o Prof. Dr. Edson Amaro, do Departamento de Radiologia da FMUSP, um dos coordenadores do PISA.

O projeto hoje envolve 25 iniciativas de pesquisa. Uma série de equipamentos de diagnóstico por imagem permitirá a realização de exames pós-mortem, em uma parceria direta com o Serviço de Verificação de Óbitos da Capital (SVOC), considerado o maior do mundo por realizar cerca de 15 mil autópsias/ano. Os equipamentos estão sendo instalados no subsolo da FMUSP. Por enquanto, já foram adquiridos um equipamento de ultrassonografia e um de tomografia computadorizada.

Ainda serão comprados um de raios X e uma ressonância magnética de 7 Tesla, modelo de ponta que será o primeiro da América Latina. Atualmente, esse aparelho só é utilizado para pesquisas, ainda não tendo autorização para o

diagnóstico clínico. Os recursos para a instalação e a compra da ressonância magnética, que serão oferecidos pela Fapesp, já estão disponíveis e a planta física da reforma necessária para abrigar o aparelho já foi aprovada. A data prevista para a instalação da ressonância magnética é outubro de 2013.

Os resultados que já estão sendo obtidos com os exames feitos nos aparelhos de ultrassom e tomografia computadorizada foram apresentados à

Congregação da FMUSP no dia 26 de outubro. Cerca de 40 casos já foram estudados. A grande vantagem é que se poderá criar um repertório de casos documentados, com a correlação entre exames patológicos e de imagem. Devido à sua importância para a pesquisa, o projeto está sendo acompanhado diretamente pela Diretoria da FMUSP, e também pelos professores titulares dos três principais departamentos envolvidos: Prof. Dr. Paulo Hilário Saldiva (Patologia), Prof. Dr. Giovanni Guido Cerri (Radiologia), Prof. Dr. Milton de Arruda Martins (Clínica Médica) e pelo diretor do SVOC, Prof. Dr.

Carlos Augusto Pasqualucci.

O projeto tem quatro núcleos: ensino, pesquisa, atendimento à comunidade e gestão e sustentabilidade. O Núcleo de Ensino envolverá a integração com os cursos de graduação da FMUSP, principalmente nas disciplinas de anatomia, patologia, radiologia e cirurgia. “Os alunos terão uma visão integrada dos aspectos médicos, com imagens tridimensionais que serão correlacionadas com os achados de autópsia da patologia”, explica o Prof. Dr. Amaro. “Essa abordagem já tem sido um sucesso em outras instituições internacionais e mesmo nos cursos de

patologia e radiologia do segundo ano da FMUSP, onde os resultados de tomografia já estão sendo usados.”

Os alunos de residência médica e de cursos de extensão também vão se beneficiar. Os primeiros terão a oportunidade de treinamento de biópsias guiadas por imagem, podendo verificar na hora se realmente o tecido coletado era correto, o que não é possível em pacientes vivos. Também já foi estabelecido um convênio com a Sociedade Paulista de Radiologia (SPR) para a criação de cursos destinados a alunos de outros cursos, com transmissão de autópsias em tempo real.

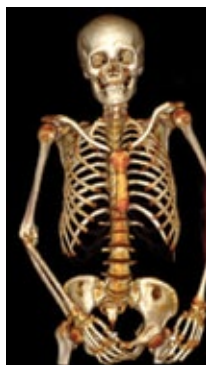
O núcleo de pesquisa, que é o objetivo primordial do projeto, vai se dedicar à investigação de vários sistemas. Nesta fase inicial, estão sendo captadas imagens angiográficas, ou seja, dos

vasos sanguíneos e de ventilação pulmonar. “Os estudos do sistema nervoso central e musculoesquelético vão se beneficiar mais da ressonância magnética, portanto a maior parte desses projetos será iniciada apenas quando

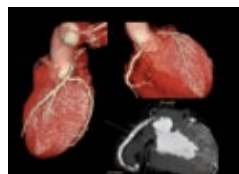
o equipamento estiver instalado”, completa.

O terceiro núcleo é o de atendimento à comunidade, com a realização das virtópsias – nome oficial da técnica cunhado pelo Serviço de Radiologia Forense de Zurique. Assim, poderão ser verificadas as causas de morte em pessoas cujo credo religioso não permita a autópsia, além dos casos em que a técnica realmente é a mais indicada. A virtópsia já é realizada em casos forenses rotineiramente, mas só está disponível em poucos serviços no mundo.

Por fim, o núcleo de gestão e sustentabilidade do projeto envolve a interação com indústrias do setor para teste e averiguação de hardware e software para imagens médicas. Todas as pesquisas em desenvolvimento e o andamento do projeto podem ser acompanhados pelo site www.inrad.hcnet.usp.br/pisa



IMAGENS DO PROJETO PISA



Imagens em 3D já capturadas por tomografia

Paixão pela vida

Nasci em Piratininga, no estado de São Paulo, em 9 de setembro de 1915. Éramos nove irmãos, quatro homens e cinco meninas. Meu pai era comerciante e um dia, quando estávamos fazendo compras na Rua 25 de Março em São Paulo, eu disse a ele que queria estudar Medicina. Apesar da negativa inicial, por ele precisar que eu ficasse na loja no interior, e depois de muita insistência, ele me falou: “Vai estudar. Se passar, passou. Se não, volta para a loja”.

Nessa época, meu irmão mais velho fazia o curso na Universidade de São Paulo e era um aluno brilhante, o que me incentivou muito. Mas ele me disse que eu não conseguiria passar no vestibular. Fui até a Faculdade Nacional, no Rio de Janeiro, e lá um professor de farmacologia me alertou: “Você será reprovado, porque estou dando curso pré-medico desde fevereiro, e já estamos em agosto. Procure uma faculdade mais fácil”.

Então, eu segui o conselho dele e fui para Niterói, com 17 anos. Passei no vestibular em 13º lugar. A faculdade era muito boa, eu era estudioso e levava as coisas muito a sério. Lá eu nunca fui segundo aluno, só tirava 9,5 e 10. Quando eu tinha nota 9, pedia revisão de prova e perguntava aos professores: “A aula do senhor foi nota 9 ou nota 10?”. E, quando ele dizia que foi nota 10, eu questionava se algum assunto que ele havia dado na aula faltava na minha prova. “Têm coisa aqui que o senhor não deu, porque eu recebo apostila do meu irmão de São Paulo. Por isso, não quero 9, eu quero 10!”. Eu era atrevido!

Quando estava no quinto ano de curso, em 1940, surgiu a oportunidade de me transferir para a USP. Eu passei em primeiro lugar, pois tinha um currículo muito bom. Como não tinha condições financeiras para me manter na cidade, conversei com o professor de Obstetrícia e pedi para ser acadêmico interno na maternidade. Ele me aceitou e por lá fiquei durante quatro anos. Ao todo, morei por 11 anos em maternidades: quatro na Faculdade e sete na

Eu tinha uma grande memória. Quando estudava em Niterói, os professores pegavam minha prova e diziam: “Estou com uma prova aqui com 80 nomes e 80 datas citadas corretamente”. A turma já sabia de quem era e dizia em coro: “É do Neme, é do Neme!”. Eu estudava dez vezes a mesma coisa, para fixar.

Namorei minha esposa durante seis anos, na época ela vinha me visitar na maternidade. Jantávamos juntos aos sábados lá mesmo: ela, eu e o padre Luís, que era o capelão. Depois que nos casamos, em 1948, dormia quatro noites na clínica e três em casa. Foi uma vida de muita luta, mas dali em diante foi só triunfo. Temos dois grandes filhos, um deles, o Paulo, é professor da Escola Politécnica e o outro, o Eduardo, é obstetra como eu.

Fiz também a livre docência de Ginecologia, em 1953, em São Paulo, e Obstetrícia no Rio de Janeiro, no ano de 1960. Sou professor emérito na FMUSP, mas dou

aulas até hoje em Sorocaba e em Campinas.

Desenvolvi e aprimorei a técnica da Raquianestesia em clínica obstétrica: passei a fixá-la com a mulher na posição sentada e só depois deitá-la. Também fui mestre nos dois tipos de fórceps, precisava ter muito jeito. Mas, na minha opinião, minha maior contribuição na medicina foi como professor, sou um didata terrível!

Prof. Dr. Bussâmara Neme,
Professor Emérito de
Clínica Obstétrica da FMUSP



O Prof. Dr. Neme, em sua residência em São Paulo

Maternidade Matarazzo. O resultado disso é que aprendi muito.

Na Clínica Obstétrica da Faculdade, entre 1942 e 1943, fui um médico-residente terrivelmente aplicado. Logo meu professor, o diretor do departamento Raul Briquet, percebeu meu interesse, eu era o mais estudioso. Após cinco anos de formado, pedi inscrição para livre docência em Obstetrícia, em 1947. Tirei nota 10 na prova escrita e me lembro até hoje do professor dizendo na arguição que nunca havia visto uma prova tão perfeita de alguém com poucos anos de medicina.

contratos de gestão

Projeto Região Oeste é destaque no COBEM

Para divulgar suas atividades e promover uma maior integração com a comunidade estudantil da área de saúde, o Projeto Região Oeste (PRO) participou do Congresso Brasileiro de Educação Médica (COBEM), realizado de 11 a 14 de outubro na Faculdade de Medicina da USP. Em seu estande, foi apresentado um vídeo

institucional, que resume as atividades e os resultados obtidos pelo Projeto em termos de atendimento, ensino e pesquisa.

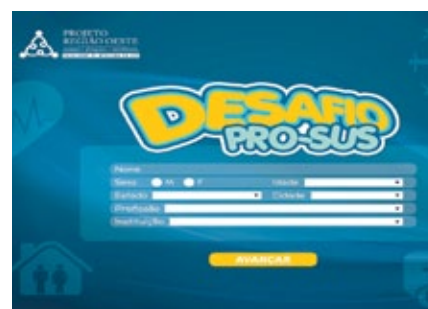
Os participantes também puderam participar de um jogo interativo com perguntas sobre o SUS, atenção primária e o próprio projeto, com a oferta de brindes. Pesquisadores ligados ao

PRO também participaram com apresentação oral e pôsteres de trabalhos desenvolvidos nas UBS Vila Dalva e Jardim D’Abril, discutindo questões de ensino e pesquisa no ambiente das Unidades Básicas de Saúde.

O tema central do evento este ano foi “De que médico a sociedade precisa”, enfatizando a orientação da formação para a comunidade e suas necessidades. Foram discutidos aspectos importantes para o aprimoramento da formação médica, dentro da perspectiva das Diretrizes Curriculares Nacionais. O evento, em sua 50ª edição, é realizado pela Associação Brasileira de Educação Médica (Abem).



DMLUCAÇÃO PROJETO REGIÃO OESTE



REPRODUÇÃO

Interface do jogo proposto pelo Projeto em seu estande

O estande do Projeto Região Oeste no evento recebeu muitos visitantes

Internacionalização da FMUSP garante melhorias na Graduação em Medicina

A atual gestão da Diretoria da FMUSP (2010-2013) tem concentrado esforços no processo de internacionalização da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP), o que vem proporcionando mudanças nos cursos de graduação da Instituição. Dentro desse processo, o curso de Graduação em Medicina também passará por uma avaliação externa.

Atualmente a FMUSP mantém parcerias com as Faculdades de Medicina da Universidade de Michigan (EUA), da Universidade de Toronto (Canadá), da Universidade Charité (Alemanha), Universidade do Minho (Portugal) e

Universidade do Porto (Portugal). A Faculdade de Medicina da USP disponibiliza ainda a flexibilização dos currículos, para que os créditos obtidos nas instituições estrangeiras possam ser usados pelos intercambistas brasileiros.

Em relação à avaliação, estão sendo aplicados na FMUSP pela primeira vez, em 2012, os testes da International Foundations of Medicine (IFOM) para alunos do segundo ano, quando termina o ciclo básico; do quarto ano, quando conclui o ciclo clínico; e do quinto e sexto anos, durante o internato. Os resultados servirão para comparar o nível dos estudantes em relação aos

alunos de instituições estrangeiras.

Outro aspecto importante para o curso de Graduação em Medicina foi a realização de fóruns para discutir a integração dos conteúdos básicos e clínicos. O objetivo é que os Departamentos da FMUSP participem ativamente das disciplinas básicas, ministradas nos primeiro, segundo e terceiro anos por docentes do Instituto de Ciências Biomédicas (ICB), do Instituto de Química (IQ) e do Instituto de Biociências (IB) da USP. Assim, os alunos terão, nas disciplinas básicas, aspectos clínicos, e os das disciplinas clínicas terão revisão dos temas das disciplinas básicas.

contratos de gestão

Condicionamento físico tem papel importante no Instituto de Reabilitação Lucy Montoro

A Organização Mundial de Saúde estima que o sedentarismo seja responsável por cerca de 3 milhões de mortes ao ano em todo o mundo. A prevenção das comorbidades decorrentes da inatividade física, como diabetes, hipertensão e colesterol alto, também faz parte dos trabalhos realizados no Instituto de Reabilitação Lucy Montoro.

Pacientes do ambulatório e da internação da unidade Morumbi passam por sessões de condicionamento físico de duas a três vezes por semana, com o objetivo de incentivar a prática dessas atividades no dia a dia, além da busca pela autonomia dos pacientes, explica o coordenador do Condicionamento Físico do Instituto, Vinícius Mathias Pinto.

O núcleo de condicionamento físico atende aos pacientes amputados, hemiplégicos e com lesões medulares em diferentes graus. Cada caso é ana-

melhor maneira possível. No caso dos hemiplégicos e lesados medulares, a musculatura funcional do paciente é quem dita o ritmo das atividades.

São realizados atendimentos em grupo e individuais. Vinícius ressalta a importância do direcionamento das atividades para algo que a pessoa já tenha interesse. “Gostar da atividade é um fator de adesão muito forte. Se você faz algo que não gosta, a chance de parar é bem maior do que quando faz algo com o que se identifica”, explica.

Um exemplo é o de Carmelita Campos de Souza que, satisfeita, faz aulas de dança acompanhada de sua filha Joelma. Para a garota, o sucesso se deve à adaptação da mãe aos profissionais do Instituto. “A evolução é visível, em menos de dois meses ela conseguiu se adaptar muito bem à prótese”, conta Joelma.



Dona Carmelita tem aulas de dança no Inst. de Reabilitação Lucy Montoro

lisado individualmente e, a partir dessa análise, é traçado um plano de trabalho que define o foco das atividades. Para o primeiro grupo, dos amputados, normalmente o trabalho é voltado ao fortalecimento muscular, para que a pessoa receba a prótese em condições físicas adequadas e adapte-se a ela da

Projeto Alô Enfermeiro do ICESP soluciona mais de 90% das dúvidas recebidas

O serviço Alô Enfermeiro tem o objetivo de garantir que o paciente dê continuidade ao tratamento mesmo fora do hospital. Por meio do telefone é possível que os pacientes matriculados no Instituto do Câncer do Estado de São Paulo (ICESP) e seus acompanhantes esclareçam dúvidas sobre os medicamentos, preparativos para exames, tratamentos, sintomas e orientações fornecidas no hospital, além de informar quando não puderem comparecer às consultas ou questionar se é necessária a assistência no pronto atendimento.

O programa segue o modelo de enfermeiro de referência, no qual o mesmo profissional acompanha o pa-

ciente do início ao fim do tratamento. Este modelo permite que o enfermeiro conheça o caso e o histórico da pessoa, o que agiliza o contato. No caso do ICESP, foram implantados ramais móveis para que as ligações sejam atendidas em qualquer lugar do hospital.

Um levantamento realizado pelo Instituto constatou que mais de 90% das dúvidas recebidas são solucionadas pelo telefone, fator que evita o deslocamento desnecessário até o hospital e traz maior comodidade e segurança ao paciente. O projeto atende 24 horas e recebe mensalmente cerca de 2,5 mil ligações.

A mesma pesquisa apontou que 60% das ligações estão relacionadas aos sintomas que surgem após a aplicação

da quimioterapia, como diarreia, febre, queda de cabelos, fadiga, náuseas e calor excessivo. Também são comuns questionamentos sobre atividades cotidianas, como alimentação, forma de ingestão das medicações ou se é permitido depilar-se ou fazer a barba normalmente.

“Com o sucesso do serviço, conseguimos evitar que o paciente tenha de sair de casa e vir ao hospital sem necessidade, ao conseguirmos esclarecer dúvidas simples e pontuais. De todas as ligações recebidas, apenas 7% são de casos em que a vinda ao Instituto é inevitável”, afirma Daniela Vivas, gerente de enfermagem do ICESP e responsável pelo programa.

centenário fmusp

Encontro de Gerações 2012 celebra o centenário da FMUSP

O dia 18 de outubro é conhecido como o Dia do Médico. Para celebrar esta data, a Associação dos Antigos Alunos (AAA) da FMUSP promove, desde 2003, o chamado Encontro de Gerações, no qual médicos, alunos, funcionários e seus convidados encontram-se para uma confraternização. Em 2012, a festa teve também o objetivo de comemorar os 100 anos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Realizado em 20 de outubro, no pátio interno da FMUSP, o Encontro teve a participação de quase 2 mil pessoas. Em um ambiente informal e descontraído, os convidados aproveitaram o churrasco e um bolo servido em homenagem ao centenário. Além disso,



MARGARITA NOZIERA

Alunos e ex-alunos de todas as épocas participaram do tradicional Encontro de Gerações

o local foi palco para uma exposição de obras de arte elaboradas por antigos colegas da Faculdade. Os antigos alunos participaram das eleições para a

escolha da Diretoria da AAAFMUSP.

Foi lançado e distribuído aos presentes o livro “As cem turmas da Faculdade de Medicina da USP” publicação que contém textos escritos por representantes das 100 turmas de médicos formados pela FMUSP e de pessoas ligadas a diversos setores do Complexo FMUSP-HC, além do catálogo com nomes e endereços de e-mail de todos os alunos. Os interessados também receberam na ocasião a obra do Dr. Álvaro Eduardo de Almeida Magalhães: “Radiologia 1912-1995 – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo”.

O próximo Encontro de Gerações será realizado no dia 19 de outubro de 2013.

CAOC comemora 99 anos

Criado pelos alunos da primeira turma de Faculdade de Medicina e Cirurgia em 1913, o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz completou este ano seu 99º aniversário. No dia 14 de setembro, foi realizada uma confraternização de antigos e atuais alunos da Instituição para comemorar a data. Entre os presentes, estavam o vice-diretor em exercício da FMUSP, Prof. Dr. José Otávio da Costa Auler Jr., o diretor executivo, Dr. Fernando Canhisares; o presidente da Associação dos Antigos Alunos da FMUSP, Prof. Dr. Itiro Suzuki, e o atual presidente do CAOC, Gabriel Dias de Oliveira.

Em seu pronunciamento, o Prof. Dr. Auler enfatizou a contribuição

do CAOC no processo de construção do Hospital das Clínicas e na Casa de Oswaldo Cruz, em 1950, que até hoje abriga alunos com dificuldades financeiras. Já o Prof. Dr. Suzuki lembrou a época da ditadura militar, quando o CAOC foi o único Centro Acadêmico que se manteve em atividade no país.

Durante o evento foi entregue a Medalha Institucional do Centenário ao presidente do CAOC de 1969, Prof. Reinaldo Morano Filho, que foi preso durante a ditadura militar. O homenageado lembrou um pouco de sua trajetória na

faculdade e no Centro Acadêmico, e ofereceu a condecoração aos seus antigos colegas de faculdade, que lutaram com ele na época da repressão.



DANIEL GARCIA AAAFMUSP

Alunos, ex-alunos e professores posam para a foto comemorativa do aniversário do CAOC

